

**PSICOLOGIA AMBIENTAL E GESTÃO AMBIENTAL:  
REFLEXÕES TEÓRICAS PARA COMPREENDER A POSSÍVEL  
INTEGRAÇÃO ENTRE ÁREAS**

**Camila Bolzan de Campos**  
*UFRGS*

**Fernanda Fernandes Gurgel**  
*UNIVERSIDADE POTIGUAR*

**Resumo:** A partir da década de 70, diversas áreas do conhecimento iniciam seu interesse pelo estudo das questões ambientais. A psicologia passa a investigar os aspectos humanos relacionados aos problemas ambientais, visto que muitos deles são, na verdade, problemas humano-ambientais. Este artigo tem como objetivo realizar uma discussão teórica das contribuições da Psicologia para a temática ambiental, mais especificamente sobre o aporte da Psicologia Ambiental no contexto das organizações de trabalho e na adoção dos Sistemas de Gestão Ambiental. A relevância desta discussão vai ao encontro da reflexão sobre a implantação das práticas de Gestão Ambiental nas organizações e a necessidade de mudanças de comportamentos em seu interior. Além disso, destaca-se o surgimento de um novo posicionamento da administração e dos trabalhadores no que se refere às questões ambientais. A psicologia ambiental, considerada uma subdisciplina da Psicologia Social, com o seu conhecimento aplicado e corpo teórico consolidado, apresenta-se como uma possibilidade interdisciplinar de pesquisa e de atuação profissional.

**Palavras-chave:** relações pessoa-ambiente; Psicologia Ambiental; Gestão Ambiental, organizações.

**ENVIRONMENTAL PSYCHOLOGY AND ENVIRONMENTAL MANAGEMENT:  
THEORETICAL REFLECTIONS FOR UNDERSTANDING THE POSSIBLE  
INTEGRATION AMONG AREAS**

**Abstract:** As from the 70's, several areas of knowledge begin their interest for the study of environmental issues. Psychology proceeds to investigate the human aspects related to the environmental problems, since most of them are, in fact, human-environmental problems. This article has as objective to bring about a theoretical discussion of the contributions of the psychology for the environmental theme, more specifically about the contribution of the environmental psychology in the context of work organizations and in the implementation of Environmental Management Systems. The relevance of this discussion contributes for the reflection about the deployment of the practices of environmental management in the organizations and the need of behavior changes inside. Besides that, the development of a new positioning of management and workers with regard to environmental issues is pointed out. The environmental psychology, considered as a sub-subject of the Social Psychology, with its applied knowledge and theoretical body consolidated, is presented as a possibility for interdisciplinary research and professional performance.

**Keywords:** Person-environment Relationship; Environmental Psychology; Environmental Management; Organizations

## Introdução

O interesse pelo estudo das questões ambientais e pela vida urbana sempre esteve entre os temas que despertam a curiosidade humana. Mas foi após a década de 70 do século passado que diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Psicologia, voltaram sua atenção e seus estudos mais diretamente para o assunto.

As bases do pensamento ecológico se fortaleceram na segunda metade do século XX, com a evolução do conhecimento científico sobre estruturas dos organismos, sobre a complexidade do equilíbrio dos ecossistemas, a crescente complexidade da vida, bem como as rápidas mudanças nos meios sociais e culturais (crescimento populacional, urbanização, industrialização, crescente consumo de bens) que impuseram a necessidade de adaptação às transformações (DIAS, 1989; DUNLAP; VAN LIERE, 1978).

Os problemas ambientais também estão associados às estruturas sociais (DIEGUES, 1998), culturais, econômicas e políticas, que estimulam a produção de conhecimento, progressos técnicos, modificação de valores, o que torna ainda mais complexo o entendimento dessas questões (RIVLIN, 2003).

Nesse contexto, a Psicologia tem um papel relevante que é a investigação dos aspectos humanos relacionados a esta crise ambiental, sendo importante reconhecer que a origem de muitos problemas ambientais não está no ambiente, mas no próprio ser humano e em suas atitudes destrutivas para com o meio em que vive, visto que os problemas que pensamos ser apenas ambientais são, em realidade, problemas humano-ambientais-civilizatórios, apontando não para uma crise ambiental, mas para uma crise das pessoas-nos-ambientes (BOFF, 2004; CORRALIZA, 1997; PINHEIRO, 2002; POL, 1993).

Os próprios indivíduos são atores e transformadores desse ambiente e têm um papel ativo nessa transformação (Garcia-Mira, Arce, & Sabuceno, 1997). Ou, melhor dizendo, é preciso “enxergar o homem, não como um receptor passivo de estímulos, nem como psicologicamente autônomo, mas como homem em tensão dialética com seu meio, interagindo com ele, moldando o ambiente e sendo moldado por ele” (PINHEIRO, 2003).

Entretanto, a intervenção das organizações no meio ambiente é alvo das preocupações políticas e da sociedade civil, uma vez que seu impacto, tanto ambiental como social, é bastante mais expressivo que o de um cidadão comum. Assim, seja por meio de pressões legislativas, seja pelo interesse de reduzir esse impacto, a decisão pela

implantação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGA) é uma alternativa organizacional para inserir o valor ambiental nas empresas.

Em geral, os SGA estão baseados em uma série de comportamentos ecológicos que incidem na rotina dos trabalhadores e, quem sabe, até fora de seu ambiente de trabalho. Tudo isso requer uma série de mudanças em processos, estruturas e recursos humanos, e, além de adotar, é necessário deixar evidente na política da empresa sua identificação com os valores de sustentabilidade (POL, 2002). Da mesma forma, como refere Pol (2003), a gestão ambiental é a responsável pela incorporação dos valores ambientais na organização social e nos objetivos corporativos da empresa, deixando evidente sua responsabilidade social e seu papel no desenvolvimento da consciência e da preocupação pelos problemas do meio ambiente.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva discutir as contribuições da Psicologia para a temática ambiental, apresentando uma breve contextualização dos estudos das relações Pessoa-Ambiente, mais especificamente sobre a contribuição que pode ser dada pela Psicologia Ambiental no contexto das organizações de trabalho e na adoção dos SGA.

## **2. O Estudo das Relações das Pessoas com o Ambiente**

Os vários desdobramentos nas relações das pessoas com o ambiente urbano (escassez de recursos, ambientes construídos, trânsito, energias renováveis, qualidade de vida urbana), vêm sendo estudados por pesquisadores que se dedicam à Psicologia Ambiental (PA) no Brasil (GUNTHER, PINHEIRO; GUZZO, 2004).

Os estudos das relações pessoa-ambiente, incluída a PA, área multi/interdisciplinar de conhecimento, surgem como um desdobramento da Psicologia Social, com a intenção de estudar a relação entre processos psicológicos e ambientes sócio-físicos, com uma orientação básica e aplicada aos problemas ecológicos atuais (BONNES; BONAIUTO, 2002; SIME, 1999; SOMMER, 2000; STOKOLS, 1978).

A PA passa a existir como uma área que, retirando o foco da pessoa (como faz a Psicologia em geral), passa a buscar a compreensão holística das ações humanas, visto que estas ocorrem como um processo de interação mútua entre a pessoa na sua totalidade e o seu entorno, considerando que o ambiente inclui não só aspectos físicos, mas também aspectos sociais (GUNTHER, 2004). E que as relações variam desde as mais ocasionais e esporádicas

até as relações mais íntimas e cotidianas, dentre elas as relações das pessoas no seu ambiente de trabalho.

Busca-se, pois, uma psicologia das pessoas nos seus cenários de vida reais – as organizações de trabalho, neste caso – capaz de responder às dúvidas acerca das relações entre processos psicológicos, ações humanas, e os contextos/cenários cotidianos em que ditas ações ocorrem (SOCZKA, 2004).

Dentre todos os lugares de convivência humana, os ambientes laborais são únicos, singulares, e demasiadamente ricos do ponto de vista dos estudos da PA, pela contribuição de significado e identidade à vida das pessoas (ÍNIGUEZ; VIVAS, 2000).

É importante compreender como essas conexões influenciam o comportamento do grupo, visto que as pessoas vivem em redes de interdependência, difíceis de serem rompidas (Marteleto & Silva, 2004). Ao mesmo tempo em que se pode perceber aspectos individuais da pessoa estudada, ela pode ser vista como pertencente a um pequeno grupo de relações imediatas, ou ainda como vinculada ao conjunto de regras e normas da sociedade mais ampla (e.g., DOISE, 2002; LAFRANCE; MAYO, 1978).

O engajamento em proteção do ambiente está “na moda” e poucas pessoas se “atrevem” a admitir que são omissas, ou a dizer que são antiambientais (OJALA, 2008). A questão ambiental, nos dias de hoje, é amplamente aceita e as pessoas sabem que se deve dizer que a preservação do ambiente é algo relevante, o que caracteriza a deseabilidade social. Essas são normas já acolhidas socialmente e que se concretizam a partir do processo de socialização, visto que “parte do processo de aprender o que é ser membro de um grupo é aceitar e seguir as normas grupais” (SMITH; MACKIE, 1997, p. 404) e é na interação social que as crenças, valores e opiniões se modificam e se constroem. O contato com o outro possibilita referência que são a “base psicológica das normas sociais” (ALVARO; GARRIDO, 2003, p.\_230).

O estudo dos valores ambientais nas organizações integra conceitos da PA Verde (POL, 1993), da Psicologia Social/Sociologia e da Psicologia Organizacional, o que demonstra o elo presente entre áreas distintas da psicologia na busca pela compreensão desse novo cenário que contempla o (não) cuidado das pessoas com o meio ambiente.

Nesse contexto, surge a necessidade das organizações adaptarem suas práticas e mais ainda, de fazer com que as pessoas que ali trabalham compreendam o sentido e a importância do cuidado ambiental.

Esse fato ocorre diante da pressão surgida a partir do mercado consumidor e da comunidade que passa a exigir um posicionamento mais responsável por parte das organizações. A forma como essas encontraram para dar conta desta nova demanda estruturou-se sob o título de Responsabilidade Socioambiental Empresarial/Corporativa (BARBIERI, 2007; DONAIRE, 2008) e da adoção dos Sistemas de Gestão Ambiental (SGA).

A mudança provocada pela adoção de um SGA nas organizações de trabalho introduz procedimentos que exigem um novo posicionamento da gestão e dos trabalhadores, assim que o compromisso ambiental dos colaboradores e sua participação efetiva é um condicionante do sucesso da gestão ambiental (BOLZAN-DE-CAMPOS, 2012).

À psicologia cabe contribuir para a exploração, análise, compreensão desse novo cenário para assim promover o bem-estar das pessoas, principalmente no ambiente organizacional. Para Zanelli e Bastos (2004, p. 481), o psicólogo tem um papel de “assessorar os processos de mudança implementados pela organização, em um esforço para acompanhar as transformações à sua volta e as reações internas da comunidade organizacional” buscando articular visão, missão, valores, metas e estratégias organizacionais.

### **3. Contribuições da Psicologia Ambiental para a Gestão Ambiental**

Já faz algum tempo que está presente no âmbito empresarial a discussão sobre o meio ambiente e sua relação com o negócio. Dessa forma, recai sobre chefes e subordinados a responsabilidade de atuar num mercado altamente competitivo que exige condutas ambientais responsáveis paralelas ao modo de produção. A gestão de empresas deve estar atenta aos impactos de sua atividade sobre o meio ambiente assim como buscar alternativas para eliminá-los ou minimizá-los. Esse desafio passa pela sensibilização desde o ponto mais alto da hierarquia das empresas até a linha de base, ou seja, surge uma demanda de gestão de comportamentos ecológicos na esfera organizacional.

Fussler e James (1999) destacam que forças irresistíveis como o crescimento da população e as aspirações consumistas entram em conflito com a fragilidade dos sistemas e recursos do planeta. A única solução, conforme esses autores, estaria em uma mudança radical nos valores, tecnologia, padrões de consumo e produção, abandonando produtos e processos não sustentáveis. Uma das estratégias aplicada pelas empresas para solucionar esse impasse é a implantação de SGA como menciona a literatura aportando mudanças organizacionais (SILVA; MEDEIROS, 2004; JORGENSEN, 2000).

Levando em consideração a série de exigências prescritas pela norma, pode-se sugerir que independente de como se maneje o valor ambiental, ocorrem implicações nos comportamentos ecológicos da organização, nos trabalhadores. Ações que antes não eram tão habituais no comportamento do trabalhador no ambiente de trabalho, tais como separar resíduos ou economizar energia, influenciados ou não pelo SGA, podem estar afetando seus comportamentos ecologicamente responsáveis em outros âmbitos.

Tinsley e Pillati (2006) ressaltam que a gestão ambiental ainda é muito recente e por isso ainda não houve tempo para que os gerentes e diretores aprendessem toda a nomenclatura inerente ao selo ambiental. Da mesma forma, assinalam que ainda existem aspectos pendentes no modo de como implantar esses sistemas considerando o fator humano e o ambiental. Isto, segundo esses autores, pode estar relacionado à falta de treinamento e orientação prática e teórica adequadas a essa demanda.

Nesse contexto, vale ressaltar o papel fundamental que a PA deve assumir nesses processos, tanto de apoio a gestão como de sensibilização dos trabalhadores, como discutido por Bolzan-de-Campos e Pol (2009). Tal como pontua Pol (2003), uma PA que deseja contribuir para o progresso da sociedade, desenvolvendo conhecimento básico, aplicável e aplicado, requer assumir os desafios sociais de cada momento histórico e considerar sua prática junto à Gestão Ambiental como um deles.

No entanto, entra em discussão a baixa incidência de estudos publicados que contemplem a união de esforços. Ambas as áreas, PA e GA, têm em comum a interdisciplinaridade, tanto do ponto de vista bibliográfico como no campo da aplicação. Contudo, é incipiente a produção contemplando a visão comportamental e humana do processo de mudança requerido pela adoção de SGA.

Podemos refletir como se evidencia o papel do psicólogo, neste caso do psicólogo ambiental, ao apoiar o processo considerando um processo de gestão de mudança de comportamentos ecológicos no âmbito organizacional. Ao retomar a conceituação da PA, como propõe Aragonés e Américo (2000), vemos suas raízes na Psicologia Social, se apoiando em alguns de seus referentes teóricos e metodológicos como, por exemplo, a teoria das representações sociais, o conceito de identidade social, entre outros, porém, tendo seu objeto de estudo próprio. Aqui, podemos referir que esta se ocupa das relações humanas com o meio ambiente buscando práticas mais respeitadas.

Com isso, ressaltamos a importância da visão da PA para os processos de implantação de SGA. Não restam dúvidas que se trata de um processo de mudança de comportamentos e

de sensibilização para incorporação de hábitos mais sustentáveis na prática das empresas e, conseqüentemente, de seus trabalhadores. Por isso, enfatiza-se a necessidade de considerar a vocação aplicada da Psicologia Ambiental.

#### **4. Considerações Finais**

Os estudos sobre comportamentos relacionados a problemas ambientais podem contribuir para intervenções que favoreçam a mudança comportamental, principalmente de comportamentos humanos que levam à degradação ambiental (COELHO; GOUVEIA; MILFONT, 2006). Nesse sentido, o presente artigo apresenta-se como uma contribuição teórica, com desdobramentos práticos, acerca dessa temática, principalmente no que se refere à Gestão Ambiental nos ambientes organizacionais.

A psicologia ambiental apresenta-se como uma possibilidade, seja na área da pesquisa, seja na atuação profissional, visto que as organizações passam por um momento de adaptação diante das novas exigências de mercado, que demandam profissionais mais conscientes do seu papel no cuidado com o meio ambiente.

O mercado também exige a presença do psicólogo em equipes multiprofissionais, que possam dialogar com profissionais de outras áreas e auxiliá-los nas suas necessidades, compartilhando novos saberes (MILKOVICH; BOUDREAU, 2000; RIBEIRO, 2005). Com a PA, não poderia ser diferente, sobretudo considerando seu saber aplicado ao âmbito organizacional e sua origem interdisciplinar, contribuindo para a gestão ambiental e os processos de implantação de SGA, acrescentando o viés humano na sensibilização por práticas organizacionais mais ecológicas.

## REFERÊNCIAS

- ALVARO, J. L.; GARRIDO, A. *Psicología social: perspectivas psicológicas y sociológicas*. Madri: McGraw Hill, 2003.
- ARAGONÉS, J.; I., AMÉRIGO, M. *Psicología Ambiental. Apectos conceptuales y metodológicos*. Em: J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs.), *Psicología Ambiental* (pp. 23-42). Madri: Pirámide, 2000.
- BARBIERI, C. J. *Gestão Ambiental Empresarial: conceitos, modelos e instrumentos*. São Paulo: Saraiva, 2007.
- BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BOLZAN DE CAMPOS, C. *Gestión Ambiental y comportamiento proambiental trabajadores: aproximación de una muestra brasileña*. Saarbrücken: Editorial Académica Española, 2012.
- BOLZAN DE CAMPOS, C.; POL, E. *Sistemas de Gestión Ambiental y comportamiento ecológico: una discusión teórica de sus relaciones posibles*. *Aletheia*: 29, 103 – 116, 2009.
- BOLZAN DE CAMPOS, C. *Sistemas de gestión ambiental y comportamiento proambiental de trabajadores fuera de la empresa: aproximación de una muestra brasileña*. Tese de doutorado, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2008.
- BONNES, M.; BONAIUTO, M. *Environmental Psychology: from spatial-physical environment to sustainable development*. In R. B. Bechtel & A., Churchman (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology* (2ª ed., pp363 – 373). Nova York: Wiley, 2002.
- BRUNDTLAND, G. H. *Our common future (Report for the World Commission on Environment and Development, United Nations)*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press, 1987.
- COELHO, J. A., Gouveia, V. V.; Milfont, T. L. *Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental*. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207, 2006.
- CORRALIZA, J. A. *La psicología ambiental y los problemas medioambientales*. *Papeles del psicólogo*, 67, 26-30, 1997.
- DIAS, G. F. (1989). *Fundamentos de educação ambiental*. Brasília: Universa Editora, Universidade Católica de Brasília, 1989.
- DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- DOISE, W. *Da psicologia social à psicologia societal*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35, 2002.
- DONAIRE, D. *Gestão Ambiental na Empresa*. São Paulo: Atlas., 2008.
- DUNLAP, R.; VAN LIERE, K. *The new environmental paradigm*. *Journal of Environmental Education*, 9, 10-19, 1978.



FUSSLER, C.; JAMES, P. Eco – innovación: integrando el medio ambiente en la empresa del futuro. Madrid: Mundi-Prensa, 1998.

GARCÍA-MIRA, R.; ARCE, C.; SABUCENO, J. M. Introducción. In R. García-Mira. C. Arce, & J. M. Sabucedo (Orgs.), Responsabilidad ecológica y gestión de los recursos ambientales (pp. 1-7). Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 1997.

GÜNTHER, H. Psicologia ambiental e psicologia do trânsito — uma agenda de trabalho (Série: Textos de Psicologia Ambiental, N° 08), 2004. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível no URL: [www.unb.br/ip/lpa/pdf/08PAePT.pdf](http://www.unb.br/ip/lpa/pdf/08PAePT.pdf)

GÜNTHER, H., Pinheiro, J. Q. & Guzzo, S. L. (Orgs.). (2004). Psicologia Ambiental: Entendendo as Relações do Homem com seu Ambiente. Campinas, S.P.: Alinea, 2004.

ÍNIGUEZ, L.; VIVAS, P. Ambientes laborales. In J. I. Aragonés & M. Américo (Orgs.), Psicología Ambiental (pp. 195-220). Madrid: Pirámide, 2000.

JORGENSEN, T. Environmental management systems and organizational change. *Eco-management and Auditing*, 7, (2), 60-66, 2000.

LaFrance, M., & Mayo, C. Moving bodies: nonverbal communication in social relationships. Monterey: Brooks Cole, 1978.

MARTELETO, R. M., & Silva, A. B. O. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. *Ciência da informação*, 33(3), 41-49, 2004.

MILKOVICH, G. T.; BOUDREAU, J. W. Administração de recursos humanos. São Paulo: Atlas, 2000.

MOORE, G. T. Environment and behavior research in North America: history, developments, and unresolved issues. In D. Stokols & I. Altman (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology* (vol. 2, pp. 1359-1410). Nova York: Wiley, 1987.

MORENO, E.; POL, E. Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental (Monografías Socio / Ambientales, 14). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1999.

OJALA, M. Recycling and ambivalence: quantitative and qualitative analyses of household recycling among young adults. *Environment & Behavior*, 40(6), 777-797, 2008.

ORTÍZ, A. M.; REY, A. Teorías psicológicas y conducta ambiental. In J. G. MARTÍNEZ, A. M. L.; ORTÍZ, A. T. A. Estudios de Psicología Ambiental en América Latina (pp. 13-36). Puebla: CONACYT, 1998.

PINHEIRO, J. Q. Apego ao futuro: escala temporal e sustentabilidade em Psicologia Ambiental. In V. Corral-Verdugo (Org.), *Conductas protectoras del ambiente. Teoría, investigación y estrategias de intervención* (pp. 29-48). Hermosillo, México: Universidad de Sonora & CONACYT, 2002.

- PINHEIRO, J. Q. Psicologia Ambiental brasileira no início do século XXI. Sustentável? In O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e da prática psicológica* (pp. 279-313). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- POL, E. *Environmental psychology in Europe: from architectural psychology to green psychology*. Aldershot, Reino Unido: Avebury, 1993.
- POL, E. Environmental management: a perspective from Environmental Psychology. In R. B. Bechtel & A. Churchman (Orgs.), *Handbook of Environmental Psychology* (2a ed., pp. 55-84). Nova York: Wiley.
- POL, E. A gestão ambiental, novo desafio para a psicologia do desenvolvimento sustentável. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8 (2), 235-243, 2003.
- POL, E.; MORENO, E. Gestión ambiental en la empresa y en la Administración Pública: aportaciones desde la Psicología. Em: Aragonés, J. I., Amérigo, M. (Orgs.), *Psicología Ambiental* (pp. 403-425). Madrid: Pirámide, 2000.
- RIBEIRO, T. Ambientes laborais: espaços de trabalho em contextos organizacionais. In L. Soczka (Org.), *Contextos humanos e psicologia ambiental* (pp.337-379). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- RIVLIN, L. G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(2), 215-220.
- SILVA, G.C.; MEDEIROS, D.D Environmental management in Brazilian companies. *Management of Environmental Quality*,15 (4), 380-388.
- SIME, J. D. What is environmental psychology? Texts, content and context. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 191-206, 1999.
- Smith, E. R. & Mackie, D. M. *Psicología social*. Madri: Medica Panamericana, 1997.
- SOCZKA, L. Contextos territoriais e a perspectiva ecológica en psicología social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia Social* (pp.503-541). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- SOMMER, R. Discipline and field of study: search for clarification. *Journal of Environmental Psychology*, 20, 1-4, 2000.
- STOKOLS, D. Environmental Psychology. *Annual Review of Psychology*, 29, 253-295, 1978.
- TINSLEY, S.; PILLAI, I. *Environmental management systems: understanding organizational drivers and barriers*. London: Earthscan, 2006.
- ZANELLI, J. C.; BASTOS, A. V. B. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil* (pp. 466-491). Porto Alegre: Artmed, 2004.